



GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso

Coordenador(es):

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normatividades, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormatividade hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

Trans em "transição": um processo de transexualização

Autoria: Marina Cápua Nunes (Secretaria de Educação de Minas Gerais)

Este work apresenta uma trajetória de militância trans na cidade de Juiz de Fora ? MG, a de Beatriz entre 2011 e 2016. Sua proeminência no cenário do município foi marcada pela participação na fundação do "VisiTrans" e no "Coletivo da Diversidade Sexual e de Gênero 'Duas Cabeças'". Como Beatriz reivindica: "minha luta é pelas pessoas que passam pelo que eu passo". E não falava desta forma só pelo percurso das transformações corporais e as inseguranças e incertezas entorno disto, mas principalmente pelas faltas e falhas de políticas públicas que tratavam de sua subjetividade como patológica ao invés reconhecer a autonomia de pessoas trans como efetivamente sujeitos de direito. A trajetória de Beatriz intersecciona o caminho da implementação das primeiras políticas públicas para a diversidade sexual e de gênero no Brasil que, por sua vez, enfrenta conflitos sexuais nacionais que reverberam na cidade mineira de Juiz de Fora. Especificamente esta pesquisa apresenta uma análise etnográfica sobre a paulatina introdução desta trajetória de vida na militância universitária pela diversidade sexual e de gênero na Universidade Federal de Juiz de Fora buscando refletir e compreender em que termos políticos tornou-se possível uma autonomia trans incorporada. Desta forma esta pesquisa se dedicou a compreender como a ?transautonomia? (BUTLER, 2009) de Beatriz se relaciona a seu processo de ?transincorporação? (PRECIADO, 2014). Ou ainda, analisa como o projeto individual (VELHO, 2013) de Beatriz de realizar a cirurgia de transgenitalização, conformado a um campo de possibilidades restrito para sua autonomia em relação as suas transformações corporais - já que havia a necessidade do diagnóstico médico para sua admissão em 2009 no Processo Transexualizador do SUS - pode constituir-se como um projeto individual de tornar-se militante quando a satisfação por sua imagem corporal somou-se à formação de um campo de possibilidades propício nos embates contra o pânico



moral em torno da "ideologia de gênero" - como a formação de coletivos pela diversidade sexual e de gênero e a guerra sexual vivida em especial em torno da Câmara Municipal. E, por fim, apresenta uma análise de como a militância é incorporada por Beatriz a ponto de ressignificar seu corpo e se afirmar como ?Bruxa trans descendente de índios com sangue baiano correndo nas veias?.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: